




Home | Primeira Página | Índice de Hoje | Últimos 7 Dias | Pesquisas

Y | CINEMA

ÚLTIMA HORA

Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

Ver



SECÇÕES

1ª Página Destaque
Nacional Mundo
Espaço Público
Sociedade
Educação Ciências
Cultura Economia
Media Local Lisboa
Local Porto Última
Página Ficha
Técnica

SUPLEMENTOS

Y

Só Texto

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV

GUIA DO LAZER

António Ferreira

Por KATHLEEN GOMES
Sexta-feira, 27 de Dezembro de 2002

Revelou-se com "Respirar (debaixo d'água)". Está de volta com a primeira longa-metragem, "Esquece Tudo o Que Te Disse", álbum de uma família em ruptura, em tons de comédia quase negra. Diz que não tem muito a ver com o cinema que se faz por cá. Português suave, portanto. Eis António Ferreira, realizador optimista, de Coimbra para o mundo.

À força de ver "Respirar (debaixo d'água)" "centenas de vezes" em rodagem por festivais, António Ferreira diz que o seu filme lhe começou a parecer "algo pesado". Convém não esquecer: a curta-metragem em causa (em formato de média-metragem, com os seus 40 e tal minutos de duração) revelou um realizador e gerou um "hype" à sua volta, bafejado pela passagem por Cannes, por três prémios no Festival de Vila do Conde, incluindo o de jovem cineasta e melhor realização, e por um entusiástico louvor crítico.

Estava-se em 2000 e esta cristalização - sublinhe-se cristalização, porque nela se pressentia uma vontade de trabalhar o tempo sem constrangimentos de formato - de paixões e rebeldias adolescentes deixava à tona expectativas quanto a futuros trabalhos.

Tudo isto e não se vislumbra em António Ferreira, 32 anos, a angústia da segunda vez. Percebe-se que é alguém que apenas quer seguir em frente. "Obviamente, estou orgulhoso do 'Respirar (debaixo d'água)'. Mas tinha vontade de fazer uma coisa radicalmente diferente. Não é que ['Respirar'] fosse lento, mas, se calhar, não é muito optimista. E eu queria fazer um filme do qual as pessoas saíssem um bocadinho mais alegres."

Pode-se, então, começar por suspeitar que "Esquece Tudo o Que Te Disse", a primeira longa-metragem de António Ferreira, se inscreve no território da comédia: a abrir, uma mulher dá um estalo ao marido depois de um "pas de deux" romântico e uma tartaruga embalsamada estremece como se sentisse os efeitos de repercussão.

O realizador confessa que, na génese, a ideia era "fazer uma comédia daquelas de partir, do género que nunca se tenha feito em Portugal". Na verdade, por vezes parece pressentir-se a influência da irrisão de "Tráfico", de Botelho, mas essa impressão esbate-se à medida que "Esquece..." se vai fechando nos jogos relacionais do seu núcleo familiar e tomando uma feição mais negra. Se "Tráfico" passava um atestado impiedoso ao "statuo quo" do país (Portugal sempre pequenino), "Esquece Tudo o Que Te Disse" circunscreve as suas personagens a um universo simbólico - uma certa burguesia

conservadora de um pequeno centro urbano -, mas não retira daí necessariamente uma leitura social, porque o que lhe interessa é uma aproximação individual dentro do imponderável que é a família.

Folheie-se, portanto, o álbum de família: uma mulher à beira de um ataque de nervos, obstinadamente ciumenta, Felizbela (reveladora Custódia Gallego); o marido, Messias (António Capelo), dentista-ilusionista; o pai deste, um velho pastor, como ovelha fora do rebanho, aparentemente imortal; a filha, retrato-robot da adolescência; uma sobrinha pirómana com um trauma por exorcisar; e uma cabra que não é cabra, é bode. "Uma família atípica, disfuncional", resume António Ferreira. O mote tem sido tão abordado pelo cinema que se pode pressupor que é a disfuncionalidade que corresponde a uma normalização. O síndrome de "Beleza Americana"? António Ferreira admite que houve quem apontasse correspondências entre o filme de Sam Mendes e "Esquece...", ainda este existia apenas como esboço de argumento. Pura coincidência, garante.

No princípio, há o estalo: o quadro não é de uma harmonia familiar, mas de um entorpecimento que se vai adensando, o sufoco a envolver as personagens, à beira da explosão - alguma vez explodirá?

"As pessoas resignam-se com facilidade. E depois passam o resto da vida a falar da sua má sorte. Perguntamos-lhes como estão: 'Cá se vai andando...' Isto é terrível. Não são capazes de ter uma atitude de corte radical com aquilo que está mal na vida delas", adianta o realizador. Considerando que "o país tem um grave problema de auto-estima", propõe que "o melhor antídoto para a depressão é a alegria". Ainda que a teoria seja discutível (não é esse discurso que enforma o entretenimento televisivo?), torna-se claro que "Esquece..." tem por detrás uma receita de vida. "Quis fazer o filme partindo da capacidade que uma pessoa pode ter de mudar de vida."

de pára-quadras. Percebe-se porquê: aos 16 anos, António Ferreira parecia ter uma carreira assegurada como programador informático. Dinheiro não era problema, mas um dia fartou-se do "fato e gravata". "Quería mudar de vida", lembra. Foi tentando: passou pela música, esteve em bandas (uma delas ficou registada numa antologia da Rádio Universidade de Coimbra), fez fotografia do género amador-disponível-para-casamentos-e-baptizados. Até que... "Descobri que queria fazer cinema." Natural de Coimbra, o cinema era para ele "uma coisa distante". Explique-se: "Ainda para mais, quando se está em Coimbra, não há um mercado de cinema ou seja o que for. A esse nível, não se passa lá nada."

Aos 24, entrou na Escola Superior de Cinema, ficou os dois primeiros anos e ao terceiro, foi para Berlim prosseguir estudos na Academia de Cinema e Televisão (dff), no âmbito do programa Erasmus. Com planos de permanência por um ano - ficou cerca de quatro. Entre o "estofa teórico" do curso português e a agilidade prática da escola berlinense, preferiu o último. Concluiu lá o filme que deixara inacabado em Lisboa, um exercício do segundo ano, a que deu o nome de "Gel Fatal". E foi em Berlim que escreveu o argumento de "Respirar...", como quem prepara o "comeback" - sem saber o que vai encontrar. "Caí

de pára-quedas aqui no meio. Porque já estava em Berlim há muito tempo, não tinha noção do tipo de reacção que o filme ia ter. Fi-lo, como quase tudo em que me meto, de corpo e alma."

Filmou-o numa Coimbra rugosa, "bas-fond", longe dos clichés universitários, quase como um território a-referencial, e aí inscreveu uma sensualidade visual que usava o tempo a seu favor. Ficaram-nos as imagens surdas de um corpo (o de Alexandre Pinto) suspenso num limbo aquático e a de um rosto afastando-se no vidro de trás de um autocarro, com a chuva a anunciar o fim de um tempo.

Terminado "Respirar...", já tinha um esboço de argumento para outro filme. Desafiou um velho colega de carteira da escola primária, César Santos Silva, que viria a descobrir muitos anos depois na Escola de Cinema - o reencontro passou-se assim: "Tu não és o irmão do César?" "Não, eu sou o César." -, a dar-lhe uma espreitadela. Com a recomendação: "Se te apetecer, escreve alguma coisa." Apeteceu. "Escreveu a sequência da festa de anos, que não tinha nada a ver com o que eu fizera. Ele tem um registo mais exagerado do que o meu, um sentido de humor brutal. Aí pensei: 'É melhor começarmos uma coisa de raiz.' Deitámos praticamente tudo fora, só ficaram os nomes das personagens, Felizbela e Messias. E agora não quero outra coisa. Já estamos a trabalhar para o próximo."

sem território. Para já, "Esquece..." revela um guião bem arquitectado, e, sobretudo, uma meticulosa definição das personagens. Natural, portanto, que António Ferreira diga que "quando a história ganha uma forma mínima, começa a escrever-se por si, são as personagens que começam a dizer o que vai acontecer". Este é um filme de personagens, logo de actores, e é aqui que reside a sua maior força: apetece voltar a ver Custódia Gallego e António Capelo puxados assim, para o primeiro plano. Interpretam um casal em crise, que vai ser abalado pela chegada da sobrinha dela, a dura e opaca Bárbara (Amélia Corôa) - os efeitos são quase cósmicos, mete trovões e chuva.

Mas, obviamente, António Ferreira anda à procura de um lugar ao sol para as suas personagens. São todos órfãos emocionais que o realizador testa numa espécie de laboratório - falar-se-ia da sombra difusa de um Alain Resnais, não fosse a tentação do arredondamento, da psicologia que torna as personagens lisas, sobretudo Bárbara, com a sua cartilha psicanalítica sobre a morte do pai.

Presente-se uma certa "desterritorialização" no cinema de António Ferreira, como se viesse de um lugar que tem menos a ver com o cinema português do que com a transposição de outros universos para uma paisagem portuguesa. "Tenho uma atitude de espectador comum em relação ao cinema. Gosto de entrar numa sala e que aquelas duas horas sejam bem passadas. Quando filmo, estou a pôr-me nessa posição de espectador", explica. "Quero fazer um cinema de proximidade com o público. Não tenho muito em comum com as outras pessoas que estão a fazer filmes em Portugal. E isso entristece-me. Acho que lhes falta emoção, que são demasiado intelectuais." Português, mas suave: "Não gosto daquele tom fatalista do cinema português, profundamente triste. Não me identifico nada com isso, estou a cem anos-luz."

Não que não tenha a sua rede de cumplicidades - elas não pertencem necessariamente ao cinema. Para uma hipótese de identificação geracional, talvez seja mais seguro perscrutar no que "Esquece..." deixa à mostra: a colaboração próxima com Pedro Renato, dos Belle Chase Hotel, que compôs a banda sonora - "somos como irmãos", avança -, e uma figuração especial de David Fonseca, dos Silence 4, interpretando em karaoke um dos seus temas. "Fomos colegas da Escola de Cinema. Fui a uma dessas empresas que alugam materiais de karaoke e comecei a ouvir as músicas que tinham, entre as quais 'Borrow' [dos Silence 4]. Pensei que podia ser uma 'inside joke', chamar o próprio David Fonseca para interpretar um tema seu, mas à la karaoke, um bocado desafinado, com um sotaque manhoso..."

Para os Belle Chase Hotel, realizou o primeiro videoclip, "Sunset Boulevard" (que era também o que se ouvia numa cena de "Respirar"), além de ter dirigido o clip de "Esquece Tudo o Que Te Disse", canção-título do filme, para o Azembla's Quartet de Pedro Renato.

Mais tarde ou mais cedo, "Esquece..." acabará por estreiar num ecrã ainda mais próximo de si. O filme faz parte do plano de telefilmes produzidos por Paulo Branco para a RTP. "Gosto de contar histórias, os meus filmes são narrativos, não são experimentais. Portanto, este é um filme que, naturalmente, poderia ter o interesse dos canais de televisão. Aliás, o primeiro apoio que nos apareceu foi do Arte France", afirma.

Projectos não faltam. "Estamos a trabalhar em três. Um deles surgiu quando ainda nem tínhamos começado a filmar o 'Esquece...'. Só que é um projecto megalómano, portanto, vai ficar em 'stand-by'. Quanto aos outros, vão ser diferentes deste filme, provavelmente mais políticos, de crítica social, que tem muito a ver com a sociedade acelerada em que vivemos, onde as pessoas permanecem isoladas nos seus apartamentos." E o tal projecto megalómano? "Chama-se 'A Conquista da Europa' e é a história de um grupo de aborígenes que conquista a Europa. Uma coisa de fantasia, um filme de ficção científica. Passa-se numa Europa super-controlada, fechada ao que é estrangeiro. É uma história contemporânea, que escrevemos para um futuro próximo. Mas é mesmo megalómano, não é para fazer já..."

Esquece Tudo o Que te Disse

De António Ferreira, com Custódia Gallego, António Capelo e Amélia Corôa. M/12

Lisboa: Cascais Villa 3: 13h50, 16h30, 18h50, 22h e 00h20; dia 31 às 13h50 e 16h30; El Corte Inglés 10: 14h, 16h45, 19h15, 21h45 e 00h15; dom. também às 11h15; dia 31 às 14h, 16h45, 19h15; Fonte Nova 2: 13h, 15h15, 17h30, 19h45 e 22h; 6ª e sáb. também às 00h15; King Triplex 1: 13h10, 15h20, 17h30, 19h45 e 22h; 6ª, sáb. e 2ª também às 00h15; Monumental 6: 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h e 00h15; dia 31 às 13h, 15h15, 17h30, 19h45 e 22h; Quarteto 1: 15h, 17h, 19h15, 22h e 24h; dia 31 às 15h e às 17h;
Porto: AMC: 13h20, 16h, 18h40, 22h10 e 00h50; dia 31 às 13h20, 16h e 18h40; Shopping Cidade do Porto 3: 12h50, 15h05, 17h20, 19h35 e 21h50, 6ª e sáb. também às 00h20; dia 31 às 12h50, 15h05, 17h20 e 19h35.

OUTROS TÍTULOS EM Y

FLASH

- Current 93
- Leonardo DiCaprio

DESTAQUE

- irreversível
 - a violação de Vincent e Monica

CINEMA

- Custódia Gallego
- António Ferreira
 - Custódia Gallego
 - Azembla's Quartet
- filmes para ouvir
- 'R-Xmas - Nosso Natal

TEATRO

- José Matias

DANÇA

- custom bad kids
- Be Sex Cabaret

MÚSICA

- SLOVO
- Amália: a revolução de 1962
- New Order
 - Retro activos
- O sonho de máquinas e guitarras de
- Pedro Abrunhosa
- COMMON

NEON

- Martin Scorsese
 - Os "gangs" da discórdia

publico.pt publiconline última hora desporto guia do lazer bd cinecartaz tvzine
fotojornalismo calvin bartoon tempo serviço público copyright publicidade ficha técnica

© 2000 PÚBLICO Comunicação Social, SA
Emails: Direcção Editorial - Webmaster - Publicidade